

Equidade De Gênero No Jornalismo Esportivo: Análise Do Enquadramento Da Cobertura Sobre As Olimpíadas No Site GE¹

Letícia Barbosa RIBEIRO²

Valquíria Michela JOHN³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Historicamente, as mulheres foram excluídas do cenário esportivo. Aos poucos, essa perspectiva se transforma. Para entender o papel do Jornalismo nessa mudança, este trabalho consiste na análise do enquadramento do site Globo Esporte na cobertura das duas últimas edições das Olimpíadas, e tem como pergunta norteadora: a forma como a cobertura dos Jogos Olímpicos enquadra as modalidades femininas contribui para a visibilidade e a desmarginalização do esporte praticado por mulheres? Entre as observações feitas estão a mudança nos critérios de noticiabilidade no que se refere às atletas e a ausência de mulheres enquanto produtoras de notícias.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; Enquadramento; Gênero; Globo Esporte.

INTRODUÇÃO

A origem dos Jogos Olímpicos da era moderna está fortemente atrelada à celebração do masculino, uma vez que foram criados com a premissa de serem um evento que representasse força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade, ou seja, virtudes atribuídas aos homens. A participação de mulheres na primeira edição dos Jogos, que aconteceu em 1896, na Grécia, foi vetada. Somente a partir da segunda edição, em 1900, por brechas no regulamento, as mulheres puderam participar de modalidades que não exigissem contato físico com outros participantes.

¹ Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, email: le_bribeiro@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS), professora do Decom e do PPGCOM/UFPR, email: valquiriajohn@ufpr.br

Desde então, a participação feminina nas Olimpíadas vem crescendo de forma gradativa. Ao passo que as sociedades têm se modificado, o compromisso de ter nos Jogos Olímpicos um espaço equiparável para homens e mulheres passou a integrar a agenda do Comitê Olímpico Internacional (COI), com o objetivo de estabelecer que a participação feminina nos Jogos ocorra na mesma proporção que a masculina.

Considerando que a jornada percorrida pelas mulheres para a inserção no ambiente esportivo foi marcada por proibições e a distinção do que seria um esporte próprio para o “sexo frágil” – aqueles esteticamente belos e que fortalecessem a região uterina, propiciando filhos saudáveis –, este trabalho busca, a partir da análise de enquadramento, entender o papel do Jornalismo no reconhecimento e valorização do esporte feminino. Assim, a pergunta norteadora da pesquisa é: a forma como a cobertura jornalística brasileira dos Jogos Olímpicos enquadra as modalidades femininas contribui para a visibilidade e a desmarginalização do esporte praticado por mulheres?

Para responder tal questão, o objetivo geral do trabalho é analisar o enquadramento utilizado durante as coberturas jornalísticas brasileiras das edições de 2016 e 2020 dos Jogos Olímpicos, nas modalidades coletivas futebol e voleibol feminino, sob a perspectiva de gênero, e os objetivos específicos são verificar como é o tratamento dado às atletas femininas, e se há maior destaque para os esportes masculinos; identificar quais as fontes priorizadas na cobertura e quais qualificações são atribuídas a elas; comparar se o enquadramento das modalidades foi diferente de edição para edição; identificar se houve ou não o aumento de jornalistas mulheres na cobertura dos eventos esportivos.

A escolha das modalidades leva em consideração o fato de serem esportes coletivos e, no caso do vôlei, os resultados das equipes feminina e masculina serem semelhantes, enquanto o futebol, mesmo estando diretamente atrelado à cultura brasileira, apresenta cenários muito diferentes entre os times feminino e masculino.

PROCESSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as matérias publicadas no portal globoesporte.com durante os períodos em que aconteceram as edições do Rio e de

Tóquio⁴ dos Jogos Olímpicos. A coleta do material foi realizada diretamente a partir do mecanismo de busca do site, com o filtro de data de publicação, e os termos pesquisados foram “volei” e “futebol”.

Ao todo, foram mapeadas 757 postagens realizadas entre os períodos de 5 a 21 de agosto de 2016 e 23 de julho a 8 de agosto de 2021, período de realização dos jogos. Na edição do Rio foram publicadas 176 matérias sobre futebol e 208 sobre vôlei; e 149 sobre futebol e 224 sobre vôlei durante os Jogos de Tóquio.

Dividindo por gênero, foram produzidas 30 matérias sobre o futebol feminino e 38 sobre o masculino; 38 sobre o voleibol feminino e 46 sobre o masculino nas Olimpíadas do Rio; nos Jogos de Tóquio, foram 21 sobre o futebol feminino e 51 sobre o masculino; 56 sobre o voleibol feminino e 38 sobre o masculino. Como o foco da pesquisa é a cobertura dos esportes femininos, apenas as matérias sobre as equipes femininas foram analisadas. As matérias cobrindo as modalidades masculinas foram usadas apenas na questão quantitativa.

Considerando que o enquadramento é a ferramenta utilizada pelos jornalistas para que eventos e situações façam sentido aos leitores, a análise de enquadramento foi adotada como ponto de partida para entender como aconteceu a cobertura sobre os esportes femininos. Seguindo o que propõe Entman (1993), o papel do jornalista também é um fator a ser considerado na análise de enquadramento. Segundo o autor, “enquadramentos têm pelo menos quatro locais no processo de comunicação: o comunicador, o texto, o receptor, e a cultura” (ENTMAN, 1993, p. 52, tradução nossa)⁵. Dessa forma, as assinaturas das publicações também foram analisadas, com o intuito de observar a presença ou não das mulheres enquanto produtoras de notícia.

Olhar para quem construiu as matérias é essencial para entender o ponto de vista pelo qual os materiais foram construídos, pois o local de pertencimento dos jornalistas reflete diretamente em seus modos de ver o mundo e assim determinar como construir a notícia. Segundo Rothberg (2010, p. 23), “um enquadramento é construído por meio de operações como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, compondo perspectivas gerais para a compreensão de acontecimentos e situações

⁴ Vale lembrar que os Jogos de Tóquio foram adiados de 2020 para 2021 em virtude da pandemia da covid-19.

⁵ “Frames have at least four locations in the communication process: the communicator, the text, the receiver, and the culture” (ENTMAN, 1993, p. 52).

cotidianas”. Para Entman (1993), essa construção está ligada à forma pela qual o enquadramento escolhido pelo jornalista pode influenciar na recepção da informação comunicada.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

De maneira geral, ao olhar para o material analisado, as primeiras observações foram que a quantidade de matérias para cada modalidade muda de acordo com o desempenho das equipes, quanto mais longe um time chegou na competição, maior o volume de reportagens. Assim, o único momento em que uma equipe feminina teve maior cobertura foi quando a seleção feminina de voleibol disputou a final e conquistou a prata. Outro ponto observado foi o baixo número de assinaturas de jornalistas mulheres durante as coberturas: na cobertura do vôlei, na edição de 2016, uma matéria foi assinada por uma mulher, já na edição de 2020, todas as assinaturas são de homens. No futebol, esses índices podem ser considerados melhores. Das 30 publicações de 2016, 11 foram assinadas por mulheres. Na edição mais recente, apesar desse número ter caído para nove, representa quase metade das publicações.

Ao olhar especificamente para as modalidades em cada edição, a análise foi mais detalhada. Na cobertura do futebol, em 2016, as matérias se referiam à seleção feminina como “Marta e cia” e focaram na comparação à equipe masculina, o que reforça a marginalização do esporte feminino, pois as mulheres só mereciam notoriedade pelo fato de que o início dos homens na competição não atendeu às expectativas. Quando comparada à edição seguinte, a cobertura da equipe feminina ganhou mais qualidade, uma vez que o portal passou a destacar toda a equipe, não apenas a principal jogadora.

A cobertura do vôlei nos Jogos do Rio serviu como um reforço de que o esporte feminino deve ser algo esteticamente belo. Com matérias no formato de perfil, as publicações destacavam e reforçavam a feminilidade das atletas, dando destaque a aspectos irrelevantes para uma cobertura jornalística. Em Tóquio, isso já não aconteceu. No entanto, mesmo que relacionado ao esporte, destacar a idade de uma atleta apenas porque ela foi a mais velha a subir no pódio se tornou recorrente e a cobertura passou a dar ênfase a esse fato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi possível perceber que, a lentos passos, o jornalismo esportivo tem caminhado no mesmo sentido que o COI para tornar o esporte um espaço ocupado também por mulheres, no entanto, o portal ge não está em completo acordo com o comprometimento da entidade.

O tratamento dado às modalidades de fato mudou de uma edição para a outra, bem como o tratamento dado às atletas. Se num primeiro momento foi relevante destacar aspectos que reforçavam o papel das atletas enquanto mulheres, esposas e belas, na última edição isso já não aconteceu. Nos Jogos de Tóquio, em ambos os esportes, a cobertura se preocupou mais com os fatos que aconteceram durante as partidas e treinos e menos com as questões estéticas e que reforçassem os estereótipos que circundam o que é ser mulher.

Um ponto que deixa o site um tanto quanto distante da agenda do COI é o fato da cobertura dos esportes observados ter sido realizada majoritariamente por homens. Na cobertura do vôlei, o número de assinaturas de jornalistas mulheres passou de um na edição do Rio para zero em Tóquio, mesmo tendo tido uma quantidade de publicações relativamente grande na última edição. E no futebol, as matérias assinadas por mulheres passaram de 11 para nove. No entanto, esses números correspondem a cerca de um terço das publicações do Jogos do Rio, e quase metade das publicações de Tóquio, o que pode explicar as abordagens utilizadas e a ausência de discussões sobre gênero nas matérias, uma vez que, como discute Entman (1993), o jornalista faz parte da construção do enquadramento.

Dessa forma, pode-se concluir que mesmo que ainda existam lacunas a serem preenchidas, o jornalismo esportivo está, aos poucos, se transformando e reflete as mudanças pelas quais a sociedade vem passando.

REFERÊNCIAS

ENTMAN, R. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, v.43, n.4, 1993.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Guarapuava/PR – 08 a 10/06/2023

ROTHBERG, D. Jornalismo e informação para democracia: parâmetros de crítica de mídia, 2010. In: Christofolletti, R. Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo, ed. Livros LabCom, 2010.